

A MARIA-HOMEM DO PANTANAL: HISTÓRIAS DE UM "SAPATO VELHO", MAS NÃO "FURADO"

GUILHERME RODRIGUES PASSAMANI
Universidade Federal do Mato-Grosso (UFMS)

RESUMO

Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado sobre a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais de pessoas com mais de 50 anos de idade que vivem na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. A partir da trajetória de uma interlocutora, analiso a experiência de sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos, atentando para os diferentes regimes de visibilidade a que estão submetidos, bem como às mudanças que envolvem o lugar social da homossexualidade. Estas análises destacam as performances de gênero da interlocutora, bem como um diálogo com a noção de "masculinidade entre mulheres", no sentido de problematizar os conceitos de *closet* e *wardrobe*.

PALAVRAS-CHAVE: Visibilidade; Masculinidade entre Mulheres; Lésbica; Homossexualidade.

ABSTRACT

The present paper is part of reflections from my doctoral research about the intersection between aging, memory and sexual behavior, in the Pantanal region, in Mato Grosso do Sul, Brazil, with people with sexual behavior, over 50 years old. From the trajectory of an interlocutor, I analyze the experience of subjects in regions that are not characterized as major urban centers, pointing to the different visibility policies to which they are subjected, as well as changes that involve the social place of homosexuality. Such analysis will highlight the gender performances of the interlocutor, as well as a dialogue with the notion of "masculinity between women", in the sense of problematizing the concepts of *closet* and *wardrobe*.

KEYWORDS: Visibility; Masculinity
Between Women; Lesbian;
Homosexuality.

Introdução

Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais, ainda em curso, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp na linha de Estudos de Gênero. A referida investigação problematiza a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais¹ na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cidades de Corumbá (108 mil habitantes) e Ladário (21 mil habitantes), nas cercanias da fronteira com a Bolívia. Durante o trabalho de campo, realizado entre julho de 2012 e fevereiro de 2014, buscou-se estabelecer contato com uma gama variada de pessoas com condutas homossexuais, maiores de 50 anos de idade, residentes nas duas cidades, para pensar trajetórias, cursos de vida e possíveis idiossincrasias que poderiam existir na experiência destes sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos.

Para este artigo, destaco a trajetória e a experiência de uma interlocutora da pesquisa. A nomearei como Soninha (54 anos). Segundo alguns interlocutores do meu campo, ela é a *sapata mais famosa da cidade*². Soninha se nomeia como uma *lésbica autêntica*, pois *nunca transei com homem*, diz ela. E assim completa: *eu posso ser um sapato velho, mas eu não sou um sapato furado. Porque elas* [as outras mulheres com conduta homossexual da cidade] *transam com os rapazes e eu não*.

Soninha é uma mulher de estatura baixa, levemente acima do peso, com cabelos grisalhos, cortados "à moda sertaneja" de final dos anos de 1980 e pela branca, com mãos calejadas. Ela diz adotar uma indumentária *de homem*: de calça jeans, camisa de gola pólo, ou camisa xadrez, botinas e, sempre que possível, um cinto com fivela. Costuma estar com chapéu ou boné, uma de suas marcas. Sem esquecer a jaqueta de couro, nos dias de frio, em meados de julho.

¹ Utilizo a expressão "condutas homossexuais" para me referir aos sujeitos com os quais eu estou trabalhando. Este é apenas um recurso para tentar aproximar uma série de categorias muito dispersas entre si e tratá-las em seus próprios termos. Utilizo este recurso, pois estou lidando com informações acionadas por meio da memória e que falam, algumas vezes, de tempos que não são o presente e o que me é contado carrega uma fluidez grande entre o que atualmente compreendemos como orientação sexual e identidade de gênero. Ao falar em condutas homossexuais, estou fazendo uma referência às pesquisas de John Gagnon (2006). Para ele, as condutas sexuais seriam atos que exigiriam desenvolvimento da criatividade, amparadas por aspectos culturais mais amplos, fantasias individuais e códigos que permitiriam algum grau de interação social. Segundo Gagnon, a partir de sua crítica à "natureza" social dos comportamentos humanos, ele conseguiu explicar a importância e relevância da discussão sobre condutas sexuais. A explicação de Gagnon seguia o seguinte raciocínio: se todo o comportamento humano é social, não há possibilidade de existir um *comportamento sexual biologicamente nu*, mas sim uma *conduta sexual socialmente vestida*. GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo*. Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

² Usarei itálico nas falas e expressões dos interlocutores, bem como para palavras estrangeiras. Usarei entre aspas para conceitos de autores ou expressões explicativas utilizadas por mim.

A expectativa que tenho, ao problematizar a trajetória de Soninha neste artigo, é pensar os diferentes regimes de visibilidade³ e as mudanças que ocorrem no “lugar social da homossexualidade”⁴, tendo o curso da vida⁵ da interlocutora como pano de fundo. Como cenário para tanto, tem-se uma cidade do interior do centro-oeste do Brasil, na região do Pantanal, em que não existe um “mercado GLS”⁶ e onde estes sujeitos, na contramão de uma literatura que apostava na migração aos grandes centros para a realização plena da sexualidade⁷, não migraram. Soninha ficou na cidade de origem e ali, nos interstícios das moralidades locais, construiu a sua vida como *sapatão*.

Performances de gênero e masculinidades entre mulheres

Conheci Soninha (54 anos)⁸ em 2012, durante as primeiras incursões ao campo. Fiz de seu bar, no Casario do Porto Geral de Corumbá-MS, um espaço familiar para mim naquela cidade de tão raras referências. Quando comecei o trabalho de campo mais efetivo, outra vez, fui à busca de Soninha, que já não estava mais com seu estabelecimento em funcionamento. Acionei contatos de minhas diferentes redes e a localizei na cidade boliviana de *Puerto Quijarro*, trabalhando como cozinheira em um restaurante árabe⁹.

Para tentar desvendar a complexidade da interlocutora, foi preciso conhecer um pouco sobre “homossexualidade feminina”, “homossexualidade

³ MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

⁴ CARRARA, Sérgio. O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o ‘Lugar’ da Homossexualidade. In: GROSSI, Miriam Pillar [et al.] (org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁵ DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

⁶ FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

⁷ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

⁸ Soninha é o que se poderia chamar de uma mulher de *meia-idade*. No contexto dos Estados Unidos, segundo Judith Bradford e Caitlin Ryan (1991), esta categoria é aplicada para as mulheres que têm entre 40 e 60 anos. Ver: BRADFORD, Judith; RYAN, Caitlin. Who we are: health concerns of midlife-aged lesbians. In: SANG, Barbara; WARSHOW, Joyce; SMITH, Adrienne (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco, CA, Estados Unidos: Spinsters Book, 1991, p. 147-163.

⁹ Sobre relacionamentos entre mulheres mais velhas com condutas homossexuais no contexto dos Estados Unidos, ver: BARKER, Judith C. Lesbian aging: an agenda for social research. In: HERDT, Gilbert; VRIES, Brian de (orgs.). *Gay and lesbian aging: research and future directions*. New York: Springer Publishing Company, 2004, p. 29-72; WARSHOW, J. *How lesbian identity affects the mother/daughter relationship*. In: SANG, B.; WARSHOW, J.; SMITH, A.J. (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco: Spinsters, 1991, p. 80-83; FREDRIKSEN, K.I. Family caregiving responsibilities among lesbians and gay men. *Social Work*. 44(2), 1999, p. 142-155; SANG, Barbara; WARSHOW, Joyce; SMITH, Adrienne (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco: Spinsters Book, 1991.

entre mulheres", "lesbianidades". Ou o que fora conceituado como "masculinidades sem homens"¹⁰. Nesse sentido, as contribuições de Nádia Meinerz¹¹, Andrea Lacombe¹² e Regina Facchini¹³, do ponto de vista da produção nacional, e de Judith Halberstam¹⁴ na produção internacional¹⁵, serão muito importantes para compreender a trajetória de Soninha¹⁶.

¹⁰ HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. London: Duke University Press, 1998.

¹¹ MEINERZ, Nádia. *Entre mulheres*. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011; MEINERZ, Nádia Eliza. *Mulheres e masculinidades*. Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS, UFRGS. Porto Alegre, 2011.

¹² LACOMBE, Andrea. "Pra homem já tô eu". Masculinidades e socialização lésbica em um bar do centro do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS, Museu Nacional UFRJ. Rio de Janeiro, 2005; LACOMBE, Andrea. *Ler(se) nas entrelinhas: sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS, Museu Nacional UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.

¹³ FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homos)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

¹⁴ HALBERSTAM, 1998.

¹⁵ No que diz respeito, especificamente, a trabalhos sobre mulheres mais velhas com condutas homossexuais, a produção estadunidense está em curso há mais ou menos 30 anos. Alguns referenciais para pensar esta questão são: KEHOE, Monika. Lesbians over 65: a triple invisible minority. *Journal of Homosexuality*. New York. (12), 1986, p. 139-152; KEHOE, Monika. *Lesbians over 60 speak for themselves*. New York: Harrington Park Press, 1988; ADELMAN, M. *Long time passing: lives of older lesbians*. Boston: Alyson, 1987; ADELMAN, M. Stigma, gay lifestyles and adjustment to aging: a study of later-life gay men and lesbians. *Journal of Homosexuality*. New York. (20), 1990, p. 7-32; ADELMAN, M. (org.). *Midlife lesbians relationships: friends, lovers, children and parents*. Binghamton-NY: Harrington Park Press, 2000; CRUIKSHANK, M. Lavender and Gray: a brief survey of lesbian and gay aging studies. LEE, J. A. (Ed.) *Gay Midlife and maturity*. Binghamton, NY: Haworth Press, 1990, p. 77-88; WARSHOW, J. *How lesbian identity affects the mother/daughter relationship*. In: SANG, B.; WARSHOW, J.; SMITH, A.J. (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco: Spinsters, 1991, p. 80-83; SANG, B.; WARSHOW, J.; SMITH, A.J. (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco: Spinsters, 1991; FREDRIKSEN, K.I. Family caregiving responsibilities among lesbians and gay men. *Social Work*. 44(2), 1999, p. 142-155; GROSSMAN, A; D'AUGELLI, A; O'CONNELL, T. 2002. Being lesbian, gay, bisexual, and 60 or older in North America. In: KIMMEL D; MARTIN D. (orgs.). *Midlife and aging in gay America*. Binghamton, NY: Harrington Park Press, 2001, p. 23-40; BARKER, Judith C. Lesbian aging: an agenda for social research. In: HERDT, Gilbert; VRIES, Brian de (orgs.). *Gay and lesbian aging: research and future directions*. New York: Springer Publishing Company, 2004, p. 29-72; PARKS, Cheryl A.; HUMPHREYS, Nancy. Lesbians relationships and families. In: MORROW, Deana F, MESSINGER, Lori (orgs.). *Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people*. New York: Columbia University Press, 2006, p. 216-242; GARNETS, L; PEPLAU, L. Sexuality in the lives of aging lesbian and bisexual women. KIMMEL, D; ROSE, T; DAVID, S. *Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Aging: research and clinical perspectives*. New York: Columbia University Press, 2006, p. 70-90.

¹⁶ Estas pesquisas somam-se aos pioneiros e escassos trabalhos sobre a temática no país: MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; BARBERO, Graciela Haydée. *Outras mulheres*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1997; HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004; MUNIZ, Jacqueline. *Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade femenina*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS-MN-UFRJ: Rio de Janeiro, 1992.

A primeira questão que me despertou curiosidade foi o fato dela ser conhecida como *a sapata mais famosa da cidade*. Depois de um tempo do trabalho de campo em curso, pude entender que Soninha orgulhava-se deste “título” e valorizava sobremaneira a visibilidade que o fato de se assumir lésbica lhe trazia. Em outros contextos de pesquisa, como aqueles apresentados por Andrea Lacombe¹⁷, a partir de investigações no Rio de Janeiro, a visibilidade de mulheres com condutas homossexuais aparece um pouco mais centrada em espaços específicos de sociabilidade, como bares e bailes.

No entanto, no caso das “mais masculinas”, isso tem desdobramentos para outros âmbitos da vida. Situação semelhante é apontada por Nádia Meinerz¹⁸, em sua tese sobre masculinidades em corpos de mulheres com condutas homossexuais de grupos populares de Porto Alegre. Meinerz destaca a categoria “jeitão”, algo como a adoção de uma estética masculina sem, contudo, causar desconforto entre gênero e sexo. A vivência e o orgulho de Soninha parecem dialogar com as experiências das interlocutoras destas investigações.

Soninha positiva a confusão entre feminilidade e masculinidade personificada nela. Ser *a sapata mais famosa da cidade*, tem a ver com a sua visibilidade, muitas vezes, em razão de seu “jeitão”. Longe de ver isso como um problema, ela percebe que este é o seu *cartão de visitas* e que tal situação seria a responsável por lhe *abrir uma série de portas*. No contexto da cidade de São Paulo, por exemplo, tal movimento foi percebido por Regina Facchini¹⁹. Facchini mostra que, sob influência de debates feministas e formas específicas de recepção de alguns estilos musicais, edifica-se um olhar mais positivo sobre certas formas de “ser masculina”. A pesquisadora nos conta como há, de certa forma, uma releitura de termos como “sapatão” e outros por parte de suas interlocutoras. Portanto, especialmente, entre as “minas do rock” a positivação de algumas expressões, comumente depreciativas em outros contextos, serve de contraponto a uma compreensão naturalizada acerca das questões de gênero. Há um processo, portanto, de ressignificação destas expressões.

Sobre as questões que envolvem visibilidade, nos Estados Unidos, por exemplo, a situação não parece completamente distinta. Em uma investigação com mulheres lésbicas de mais de 60 anos, na década de 1980, Monika Kehoe²⁰, mostra como a trajetória destas mulheres foi marcada por uma vivência, em grande medida, “no armário” e, em alguns casos, em casamentos heterossexuais, uma vez que havia, até a metade do século XX, certo silêncio em torno das sexualidades dissidentes, fundamentalmente, sobre questões que abarcassem as mulheres com conduta homossexual.

Para as interlocutoras de Kehoe – que é uma autora considerada pioneira

¹⁷ LACOMBE, 2005; LACOMBE, 2010.

¹⁸ MEINERZ, 2011.

¹⁹ FACCHINI, 2008.

²⁰ KEHOE, Monika. *Lesbians over 60 speak for themselves*. New York: Harrington Park Press, 1988.

nesta temática nos Estados Unidos²¹ –, mulheres que nasceram nas primeiras décadas do século XX, em sua grande maioria, no meio oeste estadunidense e migrantes para San Francisco e outras cidades da costa oeste, o caminho natural era o casamento heterossexual. Não havia uma referência para possibilidades que pudessem desviar deste caminho. Kehoe conta que as interlocutoras lembram que os primeiros bares para lésbicas começavam a surgir no final dos anos de 1940, mas apenas nas grandes metrópoles do país. Nas cidades onde estas mulheres viviam tal situação era impensada.

Soninha escolheu permanecer em Corumbá e tem uma trajetória um pouco distinta das interlocutoras de Kehoe²², pois afirma nunca ter *saido do armário* e sempre ter se comportado da forma como se comporta até hoje. Segundo ela, *este sempre foi o meu natural*. A interlocutora se nomeia, em alguns momentos, como *hominho* (quem sabe, na pesquisa de Facchini²³, o equivalente a "bofinho"), em decorrência, possivelmente, do que Nádia Meinerz²⁴ apurou em campo como "jeitão de machorra".

Com um tempo maior de convivência, soube que a mãe de Soninha contara a ela que, quando ela tinha quatro anos, as vizinhas proibiam suas filhas de brincarem com ela, pois esta seria *Maria-homem*. O fato de ser vista pela vizinhança como *Maria-homem*, segundo Soninha, nunca foi um problema na sua família, pois ela não lembra de ter sido repreendida em algum momento, em vista de suas características, trejeitos ou futuros desejos. Em outras palavras: seu "jeitão" não os teria incomodado. Pelo contrário, diz ter recebido, especialmente do pai, muita liberdade. Hoje, conta a interlocutora, ela pensa que o pai a tratara como um filho homem, pois aos oito anos, teria ganho dele uma espingarda de ar comprimido, para que os dois fossem juntos caçar no Pantanal²⁵.

Judith Halberstam²⁶ é uma das principais referências para pensar as "masculinidades sem homens", que parece ser o caso de Soninha. O trabalho da autora persegue uma ideia de desconstruir a obrigatoriedade da relação da masculinidade com a anatomia e o corpo biológico dos homens. Segundo ela, esta concepção difundida de que a masculinidade é um imperativo dos homens constitui-se muito mais como uma teorização, amplamente legitimada, do que propriamente um dado da natureza. Para Halberstam – e este é o caso de

²¹ Outros trabalhos considerados pioneiros nos Estados Unidos, sobre esta temática são os de Marcy Adelman. ADELMAN, M. *Long time passing: lives of older lesbians*. Boston: Alyson, 1987; ADELMAN, M. *Stigma, gay lifestyles and adjustment to aging: a study of later-life gay men and lesbians*. *Journal of Homosexuality*. New York. (20), 1990, p. 7-32; ADELMAN, M. (org.). *Midlife lesbians relationships: friends, lovers, children and parents*. Brinhamton-NY: Harrington Park Press, 2000

²² KEHOE, 1988.

²³ FACCHINI, 2008.

²⁴ MEINERZ, 2011.

²⁵ Sobre diferentes trajetórias e performances de mulheres com conduta homossexual, ver LACOMBE, 2005; LACOMBE, 2010; MEINERZ, 2011; MEINERZ, 2011a; FACCHINI, 2008; ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. In. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. v. 16, p. 213/233, 2010; LIMA, Tânia Gonçalves. *Tornar-se Velho: O Olhar da Mulher Homossexual*. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006, entre outros, em nossa produção nacional sobre o tema.

²⁶ HALBERSTAM, op. cit..

Soninha – a “masculinidade sem homens”, não necessariamente, remete a uma questão de inversão de performances de gênero, isto é, não há uma correspondência direta entre usar roupas masculinas, por exemplo, e sentir-se um homem em corpo de mulher²⁷.

Para Andrea Lacombe²⁸, que trabalhou com “masculinidades de mulheres”²⁹ em um bar de “entendidas”³⁰ no Rio de Janeiro, o ponto nodal é o seguinte: sem deixar de ser mulheres, elas incorporam comportamentos tidos como exclusivos dos homens. O cenário é bastante complexo e a trajetória das interlocutoras muito variadas, portanto há diferentes graus de masculinidade, até grau nenhum, como a mesma autora aponta em pesquisa de doutorado:

A apresentação de gênero também contribui para a visibilidade ou invisibilidade das mulheres enquanto lésbicas, seja em relação a outras lésbicas, ou no que diz respeito ao grupo social. De todo modo, essa invisibilidade joga um duplo papel de estigma acusatório e orgulho, um jogo entre *ser enrustida* e *parecer nada a ver, mas ser* ou *não dar pinta* que marca modos particulares de vivenciar a orientação sexual³¹.

Há uma marcação de gênero forte na conduta de Soninha, que a faz borrar as fronteiras entre os legitimados lugares de homens e mulheres. E, a partir do que dissera Lacombe, o ser masculina, para Soninha, é razão de orgulho, mas, mais que isso, é a forma como ela consegue externalizar o seu *jeito de ser*. *Eu sou assim, meu preto. Não forço nada*. Algumas vezes, referindo-se a si mesma, ou a outras mulheres, se nomeia como *sapatão*, *sapatona*, entende, pois, que esta é uma alusão depreciativa, mas recorrente, para se referir àquelas mulheres “entendidas” que têm um “jeitão” de homem. Sobre a *sapatona*, Andrea Lacombe, assim refere:

A masculinidade da *sapatona* coloca a lésbica nas antípodas da heterossexualidade, o que pode gerar rejeição, mas por sua vez dá sentido ao binário, estabiliza a diferença e a alteridade: se afasta do tipo ideal de mulher e a tira da economia do desejo

²⁷ Na mesma linha de Halberstam, está o trabalho de Andrea Cornwall e Nancy Linsdisfarne (1994). Na coletânea *Dislocating Masculinity*, elas problematizam a masculinidade como algo dado pela natureza e invariável. Assim, ajudam a pensar sobre as variadas formas com que a masculinidade (em homens e em mulheres) pode ser aprendida e apreendida a partir dos mais diversos estímulos culturais. CORNWALL, A; LINDISFARNE, N (orgs.). *Dislocating masculinity: comparative ethnographies*. New York: Rotledge, 1996.

²⁸ LACOMBE, 2005, op. cit..

²⁹ Lacombe utiliza esta expressão uma vez que suas interlocutoras se identificam como “mulheres entendidas” e não como “lésbicas”.

³⁰ “Entendidas”, no contexto da pesquisa de Lacombe (2005), são aquelas pessoas que desenvolvem o “olhar entendido”, isto é, aquelas mulheres que conseguem reconhecer as suas iguais. Para os limites do trabalho de Lacombe, o termo teria um significado claro: lésbicas.

³¹ LACOMBE, 2010, op.cit., p. 105. Grifo original.

heterossexual. A *sapatona* é legível na representação social como lésbica a despeito da *mulherzinha* que ocupa um lugar ambíguo, de difícil definição o que, por sua vez, a silencia como lésbica³².

Definitivamente, Soninha não se enquadra na categoria *mulherzinha*, embora estas sejam as suas parceiras preferenciais. Seguindo a lógica de Lacombe, tal formulação estabilizaria a diferença e daria sentido ao binário. Aferir a Soninha o título de *a sapata mais famosa da cidade* é possível a partir da leitura estereotípica que se faz dela tomando como parâmetro, por exemplo, sua indumentária e seus códigos gestuais, marcados por uma masculinidade hegemônica³³. Segundo ela, o seu comportamento e a sua apresentação pública são a materialização do desejo de *sentir-se bem*. O *sentir-se bem* para a interlocutora, desde criança, foi vestir-se com "roupas de homens", ou brincar com brinquedos e outros entretenimentos "próprios de meninos".

Quando tinha nove anos, Soninha lembra que já pensava nas amigas e colegas de escola como potenciais namoradas e isso não lhe era estranho. Ela achava que podia sonhar em namorar com meninas e com meninos. Estava, pois, pensando em namorar as meninas. Além disso, resistia, como podia, à insistência de sua mãe em vesti-la com os vestidos de família.³⁴ Sua vontade era usar *macacão* e *calça Lee*.

Eu me sentia muito à vontade em roupas de meninos. Eu também gostava de chapéu e bota. Até hoje, você vê, eu uso muita botina. Cinto com fivela, chapéu. Era um machinho pantaneiro. Quem me olhava, em cima da caminhoneta, não acreditava que era uma menina. Achava que era um menino. O jeito, entendeu, que eu tinha. E eu brigava com os meninos, eu batia forte, eu era fortinha, eu era gordinha, fortinha. Eu defendia o meu irmão e meus primos (Soninha, 54 anos).

Um dos temas trazidos por Soninha nesta fala diz respeito às vestimentas, à indumentária. Ela, como algumas mulheres com conduta homossexual, em algum momento da vida, começam a fazer o uso de roupas comumente associadas ao universo dos homens. Esta seria, segundo Soninha, a forma de sentir-se a vontade consigo mesma. Algo como o resultado de um processo

³² LACOMBE, 2010, op. cit., p. 106.

³³ KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*. Ano 4. n. 9, 1998, p. 103-117.

³⁴ Sobre a relação de mães com filhas "lésbicas", ver Warshow (1991) em uma pesquisa realizada em Nova Iorque. WARSHOW, J. *How lesbian identity affects the mother/daughter relationship*. In. SANG, B.; WARSHOW, J.; SMITH, A.J. (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco: Spinsters, 1991, p. 80-83. Para diferentes "papéis" na família envolvendo a presença de "lésbicas", ver FREDRIKSEN, K.I. Family caregiving responsibilities among lesbians and gay men. *Social Work*. 44(2), 1999, p. 142-155. Sobre um olhar mais amplo acerca das relações desenvolvidas por pessoas com conduta homossexual (homens e mulheres) com suas famílias de origem, ver Nystrom N. M.; Jones T. C. Looking back ... looking forward: adressong in the lives of lesbians 55 and older. *Journal of Women & Aging*. New York. (14), 2002, p. 59-376.

natural de seu “estar no mundo”. Segundo Daniel Miller, “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser”³⁵. Talvez a compreensão do autor nos ajude a entender um pouco do processo de Soninha e suas roupas mais masculinas.

Por outro lado, é interessante a abordagem de Tiago Duque, em sua pesquisa sobre o “passar por”, na medida em que compreende que “o corpo intencionalmente e ‘adequadamente’ revestido também pode indicar as expectativas sobre o que se espera que o outro veja”³⁶. Conforme Duque, isso é importante, pois resulta do manejo da vestimenta o fato de ser reconhecido de maneiras específicas e que, em vista disso, farão chamar mais ou menos a atenção.

A questão da indumentária é muito presente nas observações de Soninha, pois a vestimenta comporia uma parte importante do que a interlocutora chamava de *seu jeito de ser*. Esta é uma recorrência nos trabalhos que destacam “mulheres lésbicas”, “masculinidades lésbicas”, “masculinidades sem homens”, ou “masculinidade entre mulheres”. A roupa que estas mulheres farão o uso parece que externalizaria um componente importante: a roupa informaria uma série de elementos sobre aquela mulher, mesmo sem que aquela mulher falasse nada sobre ela. Em tempo, talvez isso ocorra com qualquer pessoa. No entanto, o destaque é dado aqui ao caso de Soninha e à aparição reiterada nos trabalhos que tematizam o assunto³⁷. Tais pesquisas podem estar de acordo com a de Daniela Calanca³⁸, para quem o ato de vestir-se modela o corpo a partir de diferentes referenciais e produz diferentes significados.

Closet ou wardrobe? Faces da visibilidade de um desejo

Já na adolescência, Soninha começou a trabalhar como *charreteira* junto com um tio que estava desempregado. As charretes eram os táxis da época em Corumbá. Elas ficavam na estação de trem, a espera da chegada do famoso *Trem do Pantanal*, que vinha da cidade de Bauru, no interior de São Paulo. Ela lembra com carinho da égua baia, apelidada de *Princesa*. Depois deste período, já com 15 anos, começou a trabalhar em um grupo de mineração e agropecuária da região, onde permaneceu por dezoito anos. Nesta empresa, na década de 1980, Soninha assumiu o cargo de encarregada das fazendas. Ela

³⁵ MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 22-23.

³⁶ A pesquisa de Duque (2013) é sua tese de doutorado, cujo objetivo foi estudar o passar por homem e/ou passar por mulher, atentando para performances de masculinidade e feminilidade entre “lésbicas”, “gays”, “homens transexuais”, “andróginos”, “*drag kings*”, “*drag queens*” e “travestis” da cidade de Campinas-SP. DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH-PPGCS. Campinas-SP: Unicamp, 2013, p. 27.

³⁷ MEINERZ, 2011; MEINERZ, 2011a; LACOMBE, 2005; LACOMBE, 2010; FACCHINI, 2008.

³⁸ CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: SENAC, 2008.

chefiava uma equipe de vários homens, *boiadeiros* do Pantanal. A interlocutora conta sobre o momento em que assumiu a gerência das fazendas:

Quando eu assumi a fazenda, eu tive uma represália, tanto que eu andava armada o tempo todo. Primeiro, porque eu tinha medo que os caras quisessem me comer. Porque eu não era feia. Eu não era uma mulher assim feia. Eu tinha um corpo muito bonito. Eu praticava esporte. Eu tinha umas pernas bonitas e na fazenda era 100% homem. E eu. Tinha na sede, a dona Maria, que era quem cozinhava, tinha a filha dela, tinha as mulheres dos peões. Morava todo mundo ali. Mas quem ia pro campo, com eles, quem ia pras invernações, era eu (Soninha, 54 anos).

Ser a única mulher no meio dos peões foi uma etapa que Soninha precisou superar como um desafio. Mais que isso, ela exercia uma função de chefia em um posto, tradicionalmente na região, ocupado por homens. A lida com o gado, o trato com a rústica lida campeira, este lugar do vaqueiro, é um espaço que se fez muito próprio aos homens. No entanto, a interlocutora diz nunca ter sido afrontada diretamente. Ela justifica isso, em primeiro lugar, por andar sempre armada, conforme explicitou. Depois, porque ela se impunha como liderança diante dos demais, inclusive, demonstrando habilidade e força, características exigidas para aquele tipo de trabalho. Por último, Soninha entende que seus comandados a viam como mais um peão, como mais um homem e, até, quem sabe, a admiravam por isso, ou seja: uma mulher saindo de sua zona de conforto e "se superando" em contextos bastante adversos.

A masculinidade que sobressai na figura de Soninha não edifica uma variação de gênero. Ela mostra como há muitas possibilidades que levam uma *mulher lésbica*, como ela se nomeia, a desenvolver atributos masculinos. Semelhante observação foi feita por Meinerz³⁹ no contexto de sua pesquisa com mulheres de classes populares de Porto Alegre. A autora, a partir de seu campo, concluiu que a produção de uma "masculinidade entre as mulheres" pode se dar desde o uso de algumas roupas específicas e o desenvolvimento de posturas tidas como "de homem", até a complexidade de mudanças radicais no corpo⁴⁰.

O fato de ser mais masculina pode ter funcionado de maneira positiva a capacitá-la para o trabalho em uma função que não privilegiava as mulheres, isto é, chefiar fazendas e peões no Pantanal de Mato Grosso do Sul. Na

³⁹ MEINERZ, 2011a.

⁴⁰ Sobre a questão de, possivelmente, escolher ser mais masculina, é interessante o trabalho de Saskia Wieringa (1999) sobre *butches* (mulheres masculinas) e *femmes* (mulheres femininas) em Jacarta e Lima. A autora mostra que, nos contextos pesquisados, as *butches* assim se construíam como uma forma de reafirmar seus desejos diante de um contexto desfavorável. Esta visibilidade poderia acarretar uma série de complicações a suas vidas, bem como as tornavam "concorrentes" dos homens. WIERINGA, Saskia. *Desiring Bodies or Defiant Cultures: Butch-Femme Lesbian in Jakarta and Lima*. In: WIERINGA, Sakia; BLACKWOOD, Evelyn (orgs.). *Female Desires*. Transgender practices across cultures. New York: Columbia University Press, 1999.

pesquisa de Meinerz⁴¹, o “jeitão”, ou seja, o resultado do manejo de inúmeros recursos que torna a mulher mais masculina, especialmente, nos contextos do futebol, do “universo *motogirl*”, ou da política (alguns lugares de fala de determinadas interlocutoras de Nádia Meinerz), funcionara como uma credencial. Segundo a autora:

Determinados trabalhos possibilitam às mulheres um espaço de reconhecimento no qual os contornos, as atitudes e posturas corporais que caracterizam o *jeitão* são inscritos num registro valorativo que ultrapassa a sexualidade⁴².

Nem Sandrinha, nem as interlocutoras de Meinerz, teriam sido reconhecidas no mundo do trabalho como *lésbicas*, *sapatões*, ou mulheres como condutas homossexuais, senão pelas competências desenvolvidas para o desempenho de determinada função, quem sabe, em alguma medida, associada à postura mais masculina, mas não determinada pela sexualidade.

No caso de Soninha, no que diz respeito a sua orientação sexual, ela não recorda de ter tido algum desejo por homens. Para ela, na contramão de muitas interlocutoras de Kehoe⁴³, que tiveram longos relacionamentos com homens, o fato de *gostar de mulher* apresentou-se como algo *normal desde sempre*. Ela afirma que, justamente, por *sempre ter sido assim* é que nunca precisou *sair do armário*, pois *todo mundo* sempre soube que ela era *sapata*. O fato de sua orientação sexual ter sido visível, talvez em vista de seu comportamento, gestos, composição visual, ou falar abertamente de seu interesse pelas mulheres, fez com que as pessoas com quem conviveu e, a cidade em si, a respeitassem desta forma, sem maiores questões.

Nos termos de Ernesto Meccia⁴⁴, é como se Soninha sempre tivesse estado nos ditames da “gaycidade”, pois, segundo conta, não recorda de ter tido vergonha, ou passado por qualquer tipo de sofrimento – compartilhado ou isolado – pelo fato de ser uma mulher com conduta homossexual. Pelo contrário, ela conta, reiteradas vezes, do *orgulho* que sente em *ser como é*. Portanto, para minha interlocutora, o dispositivo do “armário” (*closet*), conforme apresenta Eve Sedgwick⁴⁵, faria menos sentido do que algo como o que Judith Halberstam chama de “guarda-roupas” (*wardrobe*).

Não me furto da percepção de que há uma regulação de gênero e de sexualidade⁴⁶ no contexto de Corumbá e Ladário e que Soninha está submetida a isso. No entanto, a forma como ela se submete, ao longo do curso da vida, é que me parece interessante de ser elencada. Quando digo que, no caso de

⁴¹ MEINERZ, 2011a.

⁴² MEINERZ, 2011a, op. cit., p. 200.

⁴³ KEHOE, op. cit..

⁴⁴ MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

⁴⁵ SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia del armario*. Barcelona: Ediciones de La tempestad, 1998.

⁴⁶ BUTLER, op. cit..

Soninha, o *closet* de Sedgwick faz pouco sentido é porque não consigo observar a interlocutora submetida a um dispositivo, ou algo que o equivalia, no sentido de uma aguardada e necessária "saída do armário" que colocaria fim a uma possível desorganização no mundo dos desejos, justamente porque haveria um encobrimento intencional da sua orientação sexual. Ou seja, *grosso modo*, ela sentia-se atraída por mulheres, mas não contava a ninguém porque temia que isso lhe acarretasse algum tipo de sanção. Este tipo de cenário não é crível no caso de Soninha.

Inclino-me, então, a pensar as estratégias de Soninha de maneira mais próxima do formulado por Halberstam⁴⁷, isto é, o *wardrobe*. Entendo que a partir do *wardrobe*, em vista das eleições que podem ser feitas de maneira reiterada ao longo dos dias, há uma liberdade maior aos sujeitos e, mais que isso, no caso da interlocutora, não havia nada guardado no "armário", mas à mostra no "guarda-roupa", *desde sempre*. Quer dizer, não fora necessário fazer algum tipo de revelação fundadora de uma conduta homossexual, pois esta conduta já estava dada, ou quem sabe naturalizada, entre os seus convivas. A forma como isso era sabido pelos demais pode ser explicada por meio, talvez, do seu "jeitão".

É este complexo emaranhado de questões que faz com que Soninha não tenha precisado e não precise enunciar-se como *sapata*, pois a sua figura pressupõe, a partir de uma série de códigos, que se trata de uma mulher com conduta homossexual. Ela, tal como as personagens analisadas por Halberstam, escolhe no *wardrobe* os códigos que a associam ao masculino e tornariam sua conduta homossexual visível e veste-se deles.

Não há uma intenção de "passar por homem", como problematizara Duque⁴⁸, ou um desejo de "ser homem"; pelo contrário, há a certeza de "ser mulher", de "sentir-se mulher", de "desejar-se mulher", mas, ao mesmo tempo, uma mulher masculina. Além disso, esta masculinidade seria um atrativo a outras mulheres. Logo, é necessário vestir socialmente o corpo com códigos que produzam esta masculinidade, a fim de que este corpo masculinizado se encontre com sua conduta homossexual e torne-se inteligível⁴⁹ para ela e atrativo às potenciais parceiras.

Neste trânsito que borram as fronteiras entre os gêneros, Soninha constrói-se como o *machinho pantaneiro*. Investida desta persona, que seria a representação do seu "ser mulher", que a toma sem qualquer tipo de esforço, ela teria desempenhado o papel de uma mulher muito *namoradeira*. As namoradas, geralmente, eram mulheres que também tinham interesse afetivo, erótico e sexual por homens, com os quais, algumas delas, inclusive, se casaram. Tais mulheres, ficavam *curiosas* com a possibilidade de se envolver com uma outra mulher e, em nome desta *curiosidade*, acabavam *caindo nas graças* de Soninha. A interlocutora conta que a *curiosidade* era motivada pelo fato de que o *amor entre duas mulheres* era um *tabu* e era *proibido*. As mulheres com as quais se envolveu, além de serem em grande maioria casadas, eram mais jovens e mais femininas que ela. Sobre a formação de

⁴⁷ HALBERSTAM, op. cit..

⁴⁸ DUQUE, op. cit..

⁴⁹ BUTLER, op. cit..

pares entre mulheres mais masculinas e mulheres mais femininas, Gayle Rubin⁵⁰ assim explica:

Attempting to define terms such as *butch* as *femme* is one of the surest ways to incite volatile discussion among lesbians. *Butch* and *femme* are important categories within lesbian experience, and as such they have accumulated multiple layers of significance. [...] *Butch* and *femme* are ways of coding identities and behaviors that are both connected to and distinct from standard societal roles for men and women. [...] *Femmes* identify predominantly as feminine or prefer behaviors and signals defined as feminine within the larger culture; *butches* identify primarily as masculine or prefer masculine signals, personal appearance, and styles. [...] *Butch* is the lesbian vernacular term for women who are more comfortable with masculine gender codes, styles or identities than with feminine ones⁵¹.

Os termos em si, a partir de Rubin, são categorias classificatórias que podem sofrer variação tanto temporal, como contextual, portanto, passíveis de uma série de significados. No entanto, as definições esquemáticas propostas pela autora, ajudam a entender as estratégias e performances de gênero manejadas por Soninha para si, especialmente, no sentido de produzir-se como *sapata* – ou nos termos dos estudos estadunidenses, uma *butch* – e direcionar seu olhar e seu interesse para as *moças mais femininas* – as *femmes* dos estudos estadunidenses. *Butch* e *femme* são termos mais utilizados nos Estados Unidos, a partir dos *Estudos Queer*, para se referir aos arranjos afetivos, eróticos e sexuais entre mulheres, onde uma se caracteriza por performances de gênero mais masculinas e a sua parceira por performances mais femininas.

O envolvimento de uma mulher mais masculina com outra mais feminina não é uma regra, mas é uma recorrência. Os trabalhos com os quais eu tenho dialogado neste artigo mostram isso. Seja nas pesquisas no Rio de Janeiro, em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. Esta é também uma questão que aparece nos trabalhos realizados nos Estados Unidos a que tivesse acesso, especialmente, aqueles que problematizam as regiões de Nova Iorque e San Francisco.

Contudo – seguindo Cornwall e Lindisfarne⁵² – é preciso entender que as mulheres com conduta homossexuais mais masculinas (*butch*) representam mais que uma identidade masculina que, supostamente, se sobrepõe a um corpo feminino. Soninha, por exemplo, mostra como este processo é

⁵⁰ RUBIN, G. *Deviations: A Gayle Rubin Reader*. Durham, NC: Duke University Press, 2011.

⁵¹ RUBIN, 2011, p. 241-242.

⁵² CORNWALL, A; LINDISFARNE, N (orgs.). *Dislocating masculinity: comparative ethnographies*. New York: Routledge, 1996; BUTLER, Judith. Imitación e insubordinación de género. In: GIORDANO, Raúl (org.) *Grafiás de Eros*. Historia, género e identidades sexuales. Buenos Aires: Edelp, 2000, p. 87-113; RUBIN, G. *Deviations: A Gayle Rubin Reader*. Durham, NC: Duke University Press, 2011.

desenvolvido a partir de uma série de arranjos e contextualizações, o que acaba borrando, confundindo e desestabilizando as fronteiras bem marcadas entre os universos masculinos e femininos, resultando em uma complexificação das tramas de aproximações eróticas.

Em vista disso, é que Butler⁵³ vê as relações entre mulheres com conduta homossexual masculinas e femininas como legítimas, inclusive, do ponto de vista político. Segundo ela, mais do que um arremedo dos arranjos entre pessoas com condutas heterossexuais, este tipo de parceria produziria uma *paródia de gênero*, isto é, mostraria como seria possível fabricar os sexos por meio da imitação. E, além disso, estas performances, que são públicas, não necessariamente têm uma relação com performances sexuais. Há um conjunto variado de possibilidades que, na percepção de Butler, operam desde diferentes cruzamentos:

Podría decirse que la sexualidad excede cualquier narrativa definitiva y que nunca es 'expresada' completamente en una actuación o en una práctica; habrá *femmes machonas* y passivas, *butches agresivas* y femeninas, y muchas más, que serán descritas como 'varones' y 'mujeres' com una autonomía más o menos estable. No hay líneas directas, expresivas o causales entre el sexo, el género, la presentación de género, la práctica sexual, la fantasía y la sexualidad. Ninguno de estos términos captura o determina al resto⁵⁴.

O fato de ser mais masculina e de gostar de envolver-se com mulheres mais femininas nunca teria criado uma vontade em Soninha de fazer qualquer tipo de alteração no corpo a fim de *tornar-se homem*, ou mesmo de *pensar-se* como tal:

Eu sempre fiz questão de mostrar pra elas que eu era mulher. Em nenhum momento eu quis outra coisa. Existe, aqui em Corumbá, homossexuais, como eu, que mudaram o nome. Elas amarram os seios com faixa. Eu não. Eu sou Soninha, e a mulher que se deita comigo sabe que tá se deitando com uma mulher. Com uma mulher. Eu não tenho tesão nestas coisas. Mas a mulher que se deita comigo sabe que tá se deitando com uma mulher. 'Como que é o nome da sua companheira? Soninha. Ela é minha companheira, ela é meu amor' (Sandrinha, 54 anos).

A contribuição de Soninha é sintomática para percebermos como a categoria gênero é produzida e não um dado da natureza, essencial e pré-discursivo. Suas performances nos mostram como é possível reinventar, ultrapassar e borrar os limites, tacitamente, ensinados e aprendidos como naturais e intransponíveis. Em Halberstam e Butler⁵⁵, estes apontamentos já estão dados. Com elas, vimos que a produção de verdade e naturalização das

⁵³ BUTLER, op. cit..

⁵⁴ BUTLER, 2000, op. cit..

⁵⁵ Ibid, p. 87-113.

noções de masculino e feminino são passíveis de desconstrução a partir, por exemplo, do trânsito de alguns sujeitos que elaboram outras vertentes para os relacionamentos entre homens, entre mulheres ou na possibilidade das relações entre pessoas transgênero.

Considerações Finais

A trajetória de Soninha enseja uma série de questões para pensar sociabilidade entre “mulheres que gostam de outras mulheres” ou mesmo “masculinidades sem homens”, haja vista a série de passagens que ela conta desde sua infância e as idas e vindas dos acontecimentos ao longo de sua vida. É interessante o fio condutor que Soninha traça, quem sabe, sem qualquer intencionalidade. No caso de sua trajetória esse fio condutor, me parece claro, é o da visibilidade de sua orientação sexual desde os momentos mais remotos de sua lembrança. Esta visibilidade fez com que ela naturalizasse o fato de *ser lésbica* e este se transformasse em mais um dos elementos que compõem sua *persona*. Algo, contado por ela, que ocorrera sem *traumas*, sem *saídas do armário*, sem reveses.

Soninha é uma personagem interessante por uma série de questões. Algumas delas foram expostas neste texto. Mas em que pese o interesse deste artigo, acredito que o fundamental é o fato dela ter vivido sempre “fora do armário”. Aliás, a noção de “armário”, como aparece na literatura específica, não faz qualquer sentido para o regime de visibilidade com o qual a vida da interlocutora parece ter dialogado. E isso até causa espécie, pois outros sujeitos, inclusive de seu círculo mais próximo de relação, desenvolveram estratégias de visibilidade bastante distintas da dela.

A própria interlocutora dá algumas pistas para compreender um pouco melhor a questão. Talvez as relações bastante livres com a família, sem uma ostensiva vigilância e regulação de gênero possam ter colaborado para a vivência de uma sexualidade sem medos e sem traumas, conforme parece ter sido a dela, o que se conclui desde seus relatos. Por outro lado, eu vejo que há uma marca de classe que não deve ser negligenciada.

Ela apresenta uma história muito costurada pelas experiências laborais. É enfática ao destacar uma infância pobre, com dificuldades, em que ainda muito jovem começou a ajudar em casa por conta do falecimento do pai. A impressão que dá é que ela, além de querer ser como o pai, incorporara de alguma forma aquela figura. A ostensiva presença do mundo do trabalho em “postos de homens” poderia ser um elemento a explicar esta questão, bem como o fato de *como era pobre mesmo* não tinha o que perder e nem porque se esconder ou se proteger.

Nesse sentido, vejo que classe pode ajudar a pensar um lugar de visibilidade, no caso dela, a lhe garantir maior liberdade, justamente, porque “não teria nada a perder”. Em outras palavras, a discriminação em vista de sua

sexualidade só seria mais uma a que ela estaria submetida em razão das suas origens sociais. Consciente ou não disso, ela enfrenta esta questão e, ao que tudo indica, consegue um desfecho positivo.

Por fim, a trajetória de Soninha nos ajuda a perceber a complexidade de cenários que, *a priori*, poderiam nos parecer simples, como uma cidade pequena, numa região do interior do país, em que não há um "mercado GLS" e as possibilidades de vivência da sexualidade de uma mulher com conduta homossexual poderiam ser limitadas. A experiência de Soninha, no entanto, mostra um cenário complexo, com uma gama de relações que se estabelecem na tensão com as moralidades hegemônicas no sentido de estabelecer lugares possíveis e legítimos de existência.

Sobre o autor

Guilherme Rodrigues Passamani possui graduação (bacharelado) em Ciências Sociais (UFSM). É Licenciado em Sociologia (UFSM). Bacharel e Licenciado em História (UFSM). É Mestre em História Latino-Americana (MILA-UFSM) e Doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Atualmente é Professor Adjunto da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência nas áreas de Antropologia e História, com ênfase em Gênero, Sexualidade, Envelhecimento e Homossexualidade. E-mail: grpasamani@gmail.com.

*Artigo recebido em 06 de fevereiro de 2015.
Aprovado em 17 de março de 2015.*